
Jesús Cañas Murillo
Fco. Javier Grande Quejigo
José Roso Díaz (Eds.)

Literatura Popular e Identidad Cultural
Estudios sobre Folclore, Literatura y Cultura Populares
en el Mundo Occidental



Cáceres
2010

LITERATURA popular e identidad cultural: Estudios sobre Folclore, Literatura y Cultura Populares en el mundo Occidental / Jesús Cañas Murillo, Francisco Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2010

424 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-923-9

1. Literatura popular. 2. Identidad cultural. I. Cañas Murillo, Jesús (ed.). II. Grande Quejigo, Francisco Javier (ed.). III. Roso Díaz, José (ed.). IV. Tít. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82-91:316.7

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2010
© De los autores, 2010
© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.^a edición

Motivo de cubierta: Los grabados proceden de pliegos de cordel del siglo XVIII pertenecientes a la Biblioteca del doctor Jesús Cañas Murillo

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones
Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)
Tel. 927 257 041; Fax 927 257 046
publicac@unex.es
<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-923-9

Depósito Legal: M-43.333-2010

Impreso en España - *Printed in Spain*

Impresión: Dosgraphic, s. l.

ÍNDICE

Páginas

I. Presentación y Apertura

- Todo lo que no es tradición es plagio* (Preámbulo o Nota previa) 21
Jesús Cañas Murillo

II. De poetas, músicos y poesía

- Singularidades lingüísticas dos romances da tradição oral moderna portuguesa recolhidos na raia fronteiriça de Trás-os-Montes 29
Natália Albino Pires
- De la voz al canto: la *musicalización* literaria en las cantigas de amigo y en la poesía musicada del siglo XIX 35
Sara Bertojo González
- Del tratamiento estético del folclore brasileño al potencial revolucionario de la cultura popular 43
Carmen M^a Comino Fernández de Cañete
- Multiculturalismo en la poesía popular de Meléndez Valdés: influencias extranjeras 55
Ángeles García Calderón
- Influencias extranjeras en el folclore musical de Canarias 63
Ana Rosa García González
- «Ya regresan los hijos de Mil a Hispaniae»: Poesía irlandesa contemporánea y recepción literaria en la obra de Plácido R. Castro 73
Rubén Jarazo Álvarez

SINGULARIDADES LINGUÍSTICAS DOS ROMANCES DA TRADIÇÃO ORAL MODERNA PORTUGUESA RECOLHIDOS NA RAIÁ FRONTEIRIÇA DE TRÁS-OS-MONTES

Natália Albino Pires
Instituto Politécnico de Coimbra (Portugal)

1. DA DEFINIÇÃO DOS OBJECTIVOS E DO CORPUS

Em termos linguísticos, é subejamente consensual entre os estudiosos que as raia fronteiriças de quaisquer países não apresentam isoglosas, nem isófonas nem isoléxicas definidas. Muito pelo contrário, as raia fronteiriças são zonas de confluência de fenómenos linguísticos de ambas as bandas, dando muitas vezes origem a estruturas linguísticas inexistentes nas línguas de contacto.

Do mesmo modo, as tradições populares da raia, sobretudo as orais, apresentam influências mútuas. No caso particular do género literário que pretendemos analisar, o romanceiro, é notório que «as regiões romancísticas não correspondem a entidades administrativas»¹ e, por isso, os textos oriundos da raia fronteiriça apresentam intersecções a diversos níveis: ao nível do modelo romancístico utilizado pelos informantes, ao nível das temáticas encontradas no espólio dessas comunidades e a nível linguístico (tanto fonético, como sintáctico e lexical).

Assim, embora o espólio romancístico das comunidades raianas possa ser estudado a diferentes níveis, neste artigo e na sequência de um trabalho mais amplo acerca do léxico do romanceiro da tradição oral moderna portuguesa², debruçar-nos-emos sobre as estruturas linguísticas de um conjunto de textos recolhidos na raia fronteiriça do distrito de Bragança, em particular na área de influência do mirandês (concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso), e editados entre 1828 e 1960 com o objectivo de traçar algumas das especificidades da sua língua. O *corpus* que analisaremos é, portanto, constituído por 88 textos, dos quais 35 provêm do concelho de Miranda do Douro³ e 53 do concelho de Vimioso⁴.

¹ Teresa Araújo, «Casada em terras longínquas no Baixo Alentejo em confronto com outras tradições atlânticas e mediterrânicas», *Arquivo de Beja*, Série III, VII/VIII (1998), p. 222.

² O estudo a que nos referimos deu origem à tese de doutoramento defendida em Junho de 2007 na Universidade da Corunha e intitulada *O Léxico do Romanceiro da Tradição Oral Moderna Portuguesa Editado entre 1828 e 1960*.

³ Seria extemporâneo apresentar uma caracterização dos romances objecto de estudo neste artigo, no entanto, cremos fundamental esclarecer que a eles nos referiremos adoptando a nomenclatura definida por Ferré e Carinhas em *Bibliografia do Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* e os números de catalogação usados por Ferré em *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna* (Id 1 a 1692 editados em quatro volumes). Assim, os 35 textos provenientes deste concelho correspondem a versões dos romances «A conquista de Alhama», «A devota caluniada», «A filha do imperador de Roma», «A Rainha e a sua escrava», «A donzela guerreira», «A mulher do pastor», «A pastora devota do rosário», «A vingadora da sua honra», «Bela infanta», «Canta Mouro», «Claralinda», «Conde Claros vestido de frade», «Delgadinha», «Frei João», «Mirandum», «Morte de D. Beltrão», «Morte do Príncipe D. João», «Má sogra», «O cego», «O conde Alarcos», «O conde Ninho», «O rei e a Virgem Maria», «O soldado» e «Veneno Moriana».

⁴ Os 53 textos correspondem a versões dos romances «A condessa traidora», «A devota caluniada», «A filha do imperador de Roma», «Fonte Clara», «A Galharda», «A infantina», «A lavadeira», «A Rainha e

2. SINGULARIDADES LINGUÍSTICAS DOS TEXTOS

As considerações tecidas por Forneiro⁵ acerca do romancero galego, enquanto poesia entre duas línguas, aplicam-se em grande medida aos textos que circulam na região transmontana uma vez que, para estudar o seu legado tradicional, é imprescindível ter sempre presente a existência de um contínuo linguístico. Por outro lado, importa não esquecer que, durante muito mais de um século, as populações das regiões contíguas ao nordeste português (Leão e Castela⁶) partilharam diversas actividades⁷ e que os fluxos migratórios adscritos à segada incentivaram a partilha do espólio da literatura oral e tradicional entre ambas as bandas da fronteira política. Deste modo, em termos linguísticos é de esperar que os textos objecto de estudo apresentem especificidades que os diferenciem dos restantes textos que circulam, quer em território português, quer em território leonês.

Embora os textos que compõem o *corpus* aqui analisado se encontrem maioritariamente em português, encontramos textos em castelhano, em português e castelhano, em português, castelhano e mirandês, em português e mirandês e, ainda, em mirandês e castelhano. Ou seja, um número significativo de textos é bilingue e até trilingue.

Uma das características linguísticas mais evidentes do *corpus* e que ressalta de uma primeira leitura dos textos é, portanto, o recurso a um léxico bilingue ou trilingue que, devido às intersecções linguísticas específicas das zonas fronteiriças, pode resultar em vocábulos inexistentes nas línguas de contacto. Por isso mesmo, não é infrequente que, a par de vocábulos portugueses, mirandeses e castelhanos, inventariemos vocábulos portugueses acastelhanizados, vocábulos castelhanos aportuguesados, vocábulos mirandeses aportuguesados ou acastelhanizados e, ainda, um número significativo de palavras que não pertencem a nenhuma das línguas de contacto e que podem levantar problemas de interpretação.

Assim, em textos recitados maioritariamente em português ou em castelhano encontramos formas castelhanas aportuguesadas, ainda que esse aportuguesamento às vezes se dê apenas ao nível da grafia: *bulsilho* por *bolsillo* (*Meteu a mão no bulsilho e cem dobrones lhe dera* –Id 311, v. 15); *Castilha* por *Castilla*⁸ (*Passa-me um passaporte, passa-me para Castilha. // – Para Castilha não to passo, antes ta mataria. // (...) // agarrou em cem mil doblones, vão-se embora para Castilha* –Id 286, vv. 42, 43 e 46); *cristano*

a sua escrava», «A serrana», «A tentação do marinheiro», «A Virgem Maria e o cego», «A morte ocultada», «A mulher do pastor», «A noiva do duque de Alba», «A vingadora da sua honra», «Bela Infanta», «Canta, Mouro», «Celinos», «Conde Flores», «D. Gato», «Eu casei com uma donzela», «Floresvento», «Flérída», «Frei João», «Morte de D. Beltrão», «Morte do Príncipe D. João», «Má sogra», «O cativo», «O prisioneiro», «O rei e a Virgem Maria», «O soldado», «O Veneno Moriana», «O velho viúvo», «Santa Iria», «Tamar» e «Ó que lindos prados verdes».

⁵ Referimo-nos aos estudos editados em *El Romancero Tradicional de Galicia: una Poesía entre dos Lenguas* e em *Allá em riba un rey tinha una filha-Galego e Castelhana no romancero da Galiza*.

⁶ A Galiza é também uma das regiões contíguas ao nordeste transmontano, mas não será referida neste estudo porque optamos por analisar apenas os textos provenientes da área de influência do mirandês que faz fronteira com Leão e Castela.

⁷ Lembre-se a quantidade de aldeias comunitárias da região transmontana cujo exemplo mais conhecido será, talvez, Rio de Onor no concelho de Bragança.

⁸ Parece-nos tratar-se de um castelhanismo mal grafado pelo editor.

por cristiano (– *Trago-te uma cristana, uma cristana cativa. //(...)// mandei trazer uma cristana, trouxeste una irmana mia!* –Id 286, vv. 15 e 39–; *sempre me andava dizendo: – Cristano, vai-te a tu terra* –Id 311, v. 13); *cristanilho* (– *Donde bás, ó cristanilho, a cavalo em mi égua?* –Id 311, v. 18); *empeza* por *empieza* (*O niño come a maçana e o cego empeza a ver* –Id 1633, v. 9); *gavilhas* por *gavillas*⁹ (– *Já seguei treze gavilhas, ainda mais uma manada* –Id 1253, v. 20); *hacesses* por *hicieses* (– *Nun te há mandado eu, conde, que tu hacesses tanto male* –Id 213, v. 23); *hão fecho* por *han hecho* (*Se te lo hão fecho mis perros eu los mandarei matar; // se te lo hão fecho mis criados eu los mandarei castigar* –Id 213, vv. 4 e 5); *impeçou* por *empezó* (*se montou para o cavalo e impeçou a caminhar* –Id 213, v. 21); *maçana* por *manzana* (*Lá adiante está uma horta, que ricas maçanas tem; //(...)// – Dá-me uma maçana, cego, para este niño comer. //(...)// O niño come a maçana e o cego empeza a ver* –Id 1633, vv. 5, 7 e 9); *manhana* por *mañana*¹⁰ (*Outro dia de manhana seu padre o visitara* –Id 241, v. 3–; *Outro dia de manhana seu padre o visitara* –Id 242, v. 3–; *Manhanas do S. João, pelas manhanas do alvor* –Id 271, v. 1–; *Por a manhana de S. João, por a manhana do alvor* –Id 272, v. 1–; *Manhana de S. João, pela manhã de alvorada* –Id 1459, v. 1–; *Outro dia de manhana em busca dela iria* –Id 1485, v. 5); *vaia* por *vayan*¹¹ (*As palavras sejam poucas, vaia bem arrezoadas, // vaia fundadas de amores, de amores serão tornadas* –Id 35, vv. 7 e 8) ou *umas botines largas* por *unos botines largos* (– *Faça-me umas botines largas que eles me crescerão* –Id 1383, v. 12).

Por outro lado, os textos estudados oferecem-nos formas mirandesas aportuguesadas ou acastelhanizadas como: *andiberão*¹² por *andubírun* (*Andiberão braço a braço, qual debaixo, qual de cima* –Id 1035, v. 5); *gavilão* por *gabílan* (*Quem há-de dar feno ao cavalo e carne ao meu gavilão? //(...)// eu darei feno ao cavalo e carne ao gavilão* –Id 603, vv. 5 e 7); *hão chegado* por *han chegado* (– *Cartas me hão chegado, cartas de grande pesar* –Id 1383, v. 24); *hão dito* por *han dito* (– *Duque de Alba, duque de Alba, hão-me dito uma mentira* –Id 558, v. 5); *hei morto* por *hei muerto* (– *Trezentos homens hei morto onde cresce a urge alvar* –Id 1049, v. 18); *lambandeira* por *lhabandeira* (*A filha de um rei de Espanha aprendeu lambandeira* –Id 662, v. 1); *lhieba* por *lleva* (*Su rostro lhieba a la retro, los ojos clavados en la tierra* –Id 513, v. 6); *lhiebas* por *llevas* (– *Onde vás tú, mi soldado? Que tanta tristeza lhiebas?* –Id 513, v. 17); *rumperam* por *rumperon* (*rumperam para su palácio, donde seu pai assistia* –Id 281, v. 55) ou *tuber* por *tubir* (*e quem nun tuber dinero também num se bai sem eilha* –Id 213, v. 29).

Devido às interferências linguísticas, nos textos oriundos da raia fronteiriça que nos ocupam, constatamos a ocorrência de um número significativo de formas corrompidas que não pertencem a nenhuma das línguas em contacto: nem ao português, nem ao castelhano, nem ao mirandês. Nesta situação, encontramos formas como: *bono* por *bom_{port}/bueno_{cast}/buôno_{mir}* (– *Eu te la dira, Delgadina, eu te la dira de bona gana, //(...)// – Eu te la dira, Delgadina, eu te la dira de bona gana, //(...)// – Eu te la dira, Delgadina,*

⁹ Ainda que a palavra também exista em português, o seu significado não se aplica neste contexto.

¹⁰ Embora os textos estejam recitados em português e a forma nos pareça um castelhanismo, não excluímos a hipótese de a presença da forma *manhana* nestes textos se tratar da forma mirandesa.

¹¹ A forma *vaia* também corresponde à forma popular frequentemente usada, contudo, nestes textos as suas ocorrências parecem-nos um castelhanismo.

¹² Trata-se de uma hipercorreção da forma geral do mirandês (*andubírun*) que pode ter surgido no acto da recitação pelo facto de o recolector não ser falante do mirandês.

dira-te-la de bona gana –Id 1140, v. 14, 22 e 38); *haba* por *haja*_{port} (– *A quem deixas a teu menino que tu haba de criar?* –Id 602, v. 55); *habera* por *houvera*_{port} (– *se todos assi fazerien nunca cornos habera* –Id 213, v. 31); *hajo* por *hago*_{cast} (– *No lo hajo por mis padres, que eilhes en su casa quedan, // no lo hajo por mis hermanos, que ellos con mis padres quedan. // Lo hajo per mi esposita, nin casada, nin soltera* –Id 513, vv. 10, 11 e 12); *herbita* por *ervita*_{port}¹³ (– *as herbitas do campo tenhidas como açafraão!* –Id 603, v. 36); *irmano* por *irmão*_{port}/*hermano*_{cast}/*armano*_{mir} (– *Por as senhas que me dáis, sois umas irmanas minhas* –Id 281, v. 53–; *que assim se chamava mi madre e uma irmana que eu tenía, //(...)// – Pelas sanhas que me dás, tu és uma irmana minha. //(...)// uma irmana que eu tenía, aqui me la tens cativa. // Levanta-te dessa cama, irmana da minha vida* –Id 285, vv. 28, 31, 33 e 34–; *que não seja perra, nem moura, tão-pouco irmana mia. //(...)// que assim se chamava uma irmana que eu nesta terra tenía, //(...)// – Pelas sanhas que me tu dás, és tu una irmana mia. //(...)// mandei trazer uma cristana, trouxeste una irmana mia!* –Id 286, vv. 2, 30, 33 e 39–; *Três irmanos que eu tenho, eu os mandarei criar* –Id 1442, v. 6); *manhão* por *amanhã* (– *hoje vai-se apanhar a lenha, manhão há-de ser queimada* –Id 127, v. 11); *sós* por *sois*_{port/cast} (– *Armana, se sós armana mía, tamien o serás na alma; //(...)// – Armano, se sós armano mío, tamien o serás na alma, //(...)// – Madre, se sós madre mía, tamien o serás na alma, //(...)// – Padre, se sós padre mío, tamien o serás na alma* –Id 1140, vv. 11, 19, 27 e 35) ou *vejos* por *velhos*_{port}/*viejos*_{cast} (– *Uns eram muito vejós, outros, que não tinham barbas* –Id 1255, v. 3).

Outra das características linguísticas dos textos que nos merece destaque ocorre em posição de fim de verso e diz respeito às adulterações efectuadas às formas verbais com o claro objectivo de manter a rima, procedimento que denota que o informante tem consciência da estrutura do texto e da necessidade de manter a rima assonante. Assim, encontramos alterações como: *arresponsera* por *arresponsara* (– *O teu gado, ó pastorinho, eu to arresponsera* –Id 1047, v. 7); *cuidera* por *cuidara* (– *dizei lá a el-rei que eu não sou quem ele cuidera* –Id 1609, v. 20); *dou* por *deu*¹⁴ (– *hei-te levar a teu pai, que tal ensino te dou* –Id 949, v. 17); *guardera* por *guardara* (– *Consigo irei, senhora, se meu gado me guardera* –Id 1047, v. 6–; – *Eu bem iria, senhora, se meu gado me guardera* –Id 1049, v. 8); *mandera* por *mandara* (– *nun houbo mouro nem moura que por mim real mandera* –Id 311, v. 4); *pensera* por *pensara* (– *Dizei lá ao vosso rei que eu não sou quem ele pensara* –Id 1607, v. 23); *relumbriam* por *relumbravam* (– *De quem são aqueles palácios que tão longe relumbriam?* –Id 44, v. 4–; *de quem são aqueles tocheiros, que além me relumbriam?* –Id 1351, v. 19) ou *temiu* por *temeu* (– *o cavalo se espantou, D. Fernando não temiu. //(...)// o cavalo se espantou, D. Fernando se temiu* –Id 512, vv. 9 e 19).

Do conjunto das formas corrompidas presentes nos textos, ressaltamos ainda as formas *braguera* e *gorvera* por *gorguera* (– *sua touca valanciana, sua polida braguera* –Id 1608, v. 4–; *sua touca valenciana, sua polida gorvera* –Id 1613, v. 3); *noera* por *nogueira* (– *Agarraram-na descansando debaixo duma noera* –Id 1608, v. 14) ou *rundão*¹⁵ (– *a mim*

¹³ A forma mirandesa correspondente seria *yêrba*, a portuguesa erva e a castelhana *hierba*. Logo, parece-nos tratar-se de uma forma portuguesa que dá conta de um fenómeno de betacismo.

¹⁴ A forma *dou* pode corresponder a uma importação da forma dialectal galega de 3ª pessoa singular do perfeito do indicativo com o objectivo de manter a rima com o verso anterior: –*Matar já não te mato, que te mate quem te criou*; (v. 16).

¹⁵ A forma mantém a rima com o verso seguinte e pode ocorrer em substituição de *cabrão* para evitar o segundo palavrão perante o recolector.

ia chamando puta, e a ti filho dum rundão -Id 603, v. 12) que, ocorrendo em fim de verso e tratando-se de formas inexistentes nas línguas de contacto, mantém a rima específica dos textos.

Em termos lexicais, outra das singularidades do *corpus* em análise diz respeito à ocorrência de formas de diminutivo com o sufixo *-ic-*, o qual caracteriza lexicalmente os concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso e é o mais produtivo em mirandês. Os textos oferecem-nos, assim, formas como: *direitica* para *direitinha* (- *Ditosica de minha mãe, que direitoica está no Cielo. // (...) // Desditada de minha avó, que direitoica está no Inferno* -Id 603, vv. 45 e 47); *ditosica* para *ditosinha* (- *Ditosica de minha mãe, que direitoica está no Cielo* -Id 603, v. 45); *novico* para *novinho* (e o mais *novico de eis, servo da Virgem Sagrada* -Id 1459, v. 12); *pastorico* para *pastorzinho* (*Diziam os pastoricos: - Corpo santo hai no lhugar* -Id 603, v. 43-; *encontrou um pastorico guardando as suas borregas. // - Queres tu, bom pastorico, vir comigo para a serra? // (...) // A serrana acordou, o pastorico longe dela. // (...) // - Aspera aí, pastorico, que eu te guardo as borregas!* -Id 1048, vv. 6, 7, 10 e 12); *serrica* para *serrinha* (*Naquela serrica alta, naquela mais alta serra* -Id 1048, v. 1) ou *Teresica* para *Teresinha* (- *A mim me chamam Teresica e à minha senhora, dona Joana* -Id 1255, v. 12).

De entre outras estruturas linguísticas dignas de referência salientamos, por último, as estruturas sintácticas presentes nos textos porquanto constatamos versos que denotam a sintaxe castelhana embora com léxico maioritariamente português (- *Devo-lhe a Dona Isabel que la deixo desgraçada* -Id 9, v. 7-; *A los primeros encuentros ao conde mui mal vai* -Id 213, v. 18-; - *Haya muerto, no haya muerto, adelante me tengo de ir* -Id 513, v. 23-; *Duque de Alba, duque de Alba, me hão dito uma mentira* -Id 558, v. 5-; *Um dia de grande calor se assomou a la bentana // Ela se namorou dum deles, do que no meio andava* -Id 1253, v. 5 e 9-; *Dom Pedro se foi à caça, Dom Pedro à caça ia; // (...) // - Vem-te comigo, ó princesa, vem-te comigo, menina; // (...) // - A las ancas, cavalleiro, que é mais honra tua e minha* -Id 1301, vv. 1, 11 e 13-; *Estando o rei em seu palácio se namorou da donzela. // - Eu nun soy solita, não, meu marido atrás queda* -Id 1608, vv. 5 e 16-; *a touca à valenciana, a el uso de romeira* -Id 1609, v. 2-; *Lá no meio do caminho, o niño pediu de comer* -Id 1633, v. 3), versos cuja sintaxe segue as regras da língua portuguesa mas com léxico fundamentalmente castelhano (- *Cala-te lá, minha reina, que isso remédio teria* -Id 281, v. 37-; - *Cavalleiro que tanto pide deve de ser arrastado* -Id 340, v. 29-; *e dos peligros da terra e das areias do mar* -Id 471, v. 4-; - *Olha para las ancas do teu cavallo lhenas de sangre* -Id 602, v. 43-; *Estando a dama Galharda em su ventana florida. // (...) // Arruma-se à ventana a ver a tarde que hacía. // Vira mais de cem cabeças descolgadas duma oliva* -Id 1026, vv. 1, 6 e 7-; *Por aquela calhe abajo vai uma linda romera; // (...) // -Hei-de ir dizer a tu tierra, hei-de me ir gabar à minha* -Id 1035, vv. 1 e 11-; - *No querga Dios del ciel isso, nem tão-pouco la Virgem Sagrada // de eu ser mujer de mi padre e de mis manas madrastra* -Id 1140, vv. 4 e 5-; *outros que no tenien pulso para menear a espada // Diz-me cá, segador, em que punto vai la segada* -Id 1253, vv. 4 e 19) e versos que apresentam léxico português, mirandês e castelhano e uma sintaxe mais próxima do castelhano (*Quem quiser vaca e carnero, venga à mi casa por eilha, // a quarto bendo la libra e a maravedi la média, // e quem nun tuber dinero também nun se bai sem eilha* -Id 213, vv. 27, 28 e 29-; *Su rostro lhieba a la retro, los ojos clavados en la tierra. // - Onde vás tú, mi soldado? Que tanta tristeza lhiebas?* -Id 513, vv. 6 e 17).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento das estruturas linguísticas acima apresentado não pretendeu, de forma alguma, ser exaustivo e, por isso, parece-nos ser necessário proceder a mais estudos por forma a definir integralmente a língua dos textos recolhidos entre 1828 e 1960 na área de influência do mirandês. Não obstante, cremos ter deixado patente que uma das características fundamentais da língua do *corpus* é, para além do recurso a um léxico regional específico (como no caso dos diminutivos), o recurso a um léxico bilingue ou trilingue e a um léxico que apresenta intersecções das línguas de contacto e que pode dar origem a vocábulos inexistentes tanto em português, como em mirandês ou em castelhano. A partir dos exemplos acima citados, parece-nos ter tornado, também, evidente a presença de uma sintaxe específica cujas regras não podem ser outras senão as das línguas em contacto devido à inexistência de isoglosas estanques.

Terminamos com a citação de uma versão do romance «Mirandum» no qual se constata claramente as interferências específicas da raia froteiriça e cujas estruturas linguísticas ilustram e confirmam de forma sintética tudo quanto acima afirmámos: *Mirandun se fui a la guerra, nun sei quando benerá, // se benerá por la Páscoa, se por la Trenidade. // La Trenidade se passa, Mirandun nun ben yá. // Chubira-se a uma torre, para ber se lo abistaba // bira benir um paxe, que nobidades trairá? // –Las nobidades que traio bos han de fazer chorar. // Tirai las colores de gala, ponei vestidos de lhuto, // que Mirandun yá yé muorto, you bien lo bi anterrar // entre quatro ouficiales que lo íban a llebar* (Id 1375).

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Teresa: «Casada em terras longínquas no Baixo Alentejo em confronto com outras tradições atlânticas e mediterrânicas», *Arquivo de Beja*, Série III, VII/VIII (1998), pp. 221-227.
- Barros, Vítor Fernando: *Dicionário do Falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Lisboa, Âncora Editora/Edições Colibri, 2006.
- Catalán, Diego: *Índice General del Romancero*, vol. III, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1984.
- Ferré, Pedro e Carinahas, Cristina: *Bibliografia do Romancero Português da Tradição Oral Moderna*, Madrid, Instituto Seminario Menéndez Pidal, 2000.
- Ferré, Pedro: *Romancero Português da Tradição Oral Moderna*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 a 2004, 4 vols.
- Ferreira, Manuela Barros e Raposo, Domingos (coords.): *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*, Miranda do Douro/Lisboa, Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Univ. de Lisboa, 1999.
- Forneiro, José Luis: *El Romancero Tradicional de Galicia: una Poesía entre dos Lenguas*, Gipuzkoa, Sendoa Editorial, 2000.
- : *Allá em riba un rey tinha una filha – Galego e Castelhana no romancero da Galiza*, Ourense, Difusora, 2004.
- Pires, Moisés: *Pequeno Vocabulário Mirandês-Português*, Miranda do Douro, Câmara Municipal de Miranda do Douro, 2004.
- Pires, Natália Albino: *O Léxico do Romancero da Tradição Oral Moderna Portuguesa editado entre 1828 e 1960*, Dissertação de Doutoramento apresentada em Junho de 2007 à Universidade da Corunha.